

5 O QUE NÃO ME MATA ME TORNA MAIS FORTE

Há oito mil anos, o Brasil possuía 9,8% das florestas mundiais. No início do século XXI, viemos a saber que estamos apenas com 28% e, o que é pior, dos 64 milhões de quilômetros quadrados de floresta existentes antes da expansão demográfica e tecnológica dos humanos, restam menos de 15,5 milhões, cerca de 24%. Isto quer dizer que mais de 75% das florestas do mundo já desapareceram.

(<http://www.pucrs.br/edipucrs/online/planetaagua/planetaagua/capitulo1.html>)

O homem sempre se preocupou com a água. Esse mineral que está fora e dentro de nós, existe há pelo menos 3,9 bilhões de anos. O “ser pensante”, em poucas gerações, já conseguiu comprometer a qualidade e quantidade desse manancial natural. No entanto, nem todos os recursos naturais degradados conseguem se restaurar. A água é um deles.

Desde os primórdios a água foi um dos reguladores sociais mais importantes. A estrutura das sociedades camponesas e comunidades aldeãs em que as condições de vida estavam intimamente ligadas ao solo, eram organizadas ao redor das águas. O acesso a ela, no entanto, sempre envolveu desigualdades, conflitos e disputas⁵⁵.

Sabendo que bacia hidrográfica da Amazônia ocupa 72% do território nacional, e a do Brasil 28% da América do Sul e 12% da reserva mundial, parece controverso que nossa região tenha começado a sofrer com a falta de água, que cada vez mais se impõe como um dos recursos naturais mais valiosos da Terra. Disso se constata que o grau de desenvolvimento de um povo

55

Daí vem o termo “rival” ou “rivalidade”, do latim *rivus*, que quer dizer corrente ou riacho. Um rival, portanto, é alguém que da margem contrária, utiliza a mesma fonte de água.

pode ser avaliado pela qualidade da água que ele consome e dos serviços de saneamento básico oferecidos a ele. Não é a água que falta, mas uma administração justa e consciente de seus recursos.

O Instituto Tata Brasil realizou, em 2013, uma pesquisa em cem cidades brasileiras, apontando Belém como a sexta pior colocada nos serviços de água tratada, cobrindo uma área de apenas 6% de esgotamento sanitário e beneficiando uma minoria de 26% de sua população. Em 2016, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) constatou que menos de 10% da população de Belém tem acesso à água encanada⁵⁶.

Se a água, que é compreendida como uma necessidade básica e imediata, não atende nem um terço dos habitantes de Belém, o que dizer das políticas voltadas para inserção, preservação, produção, e valorização da cultura como bem indispensável para o desenvolvimento humano? A água, nesse sentido, não só é um emblema ecológico que diz muito da relação homem, natureza e sociedade, como também o elemento regulador de suas formas de vida.

Segundo Heisenberg, “O mundo aparece, dessa maneira, como um complicado tecido de eventos e, por meio disso, determinam a textura do todo”⁵⁷. Isso quer dizer que o fenômeno tratado aqui não pode ser compreendido como um evento isolado, mas um acontecimento forjado por uma composição de forças intrinsecamente conectadas. Quer um exemplo?

Se você vive em um lugar que não lhe oferece água tratada, os riscos para contrair patologias são muito mais altos. Uma criança afetada por uma doença transmitida pela água pode conseguir um atendimento médico público e, com sorte, realizar um tratamento adequado até se curar. Mas logo em seguida, retorna para o foco da doença correndo o risco de contrai-la novamente. Isso quer dizer que o sistema de saúde nunca será eficaz se não estiver integrado a outros sistemas e um deles é o de saneamento básico. Este, por sua vez, depende de um processo ordenado de urbanização, conduzido pela relação entre o contingente populacional, que vive confinado em um espaço geográfico implicado com seus recursos naturais, e a máquina

administrativa responsável pela distribuição desses recursos e preservação da biodiversidade como condição indispensável da sobrevivência dos ecossistemas.

O que acontece é que essa mesma biodiversidade, presente nos 5 milhões de km² correspondentes a área da Amazônia legal brasileira (60% do território nacional), é submetida a lei do mercado pelo modelo de desenvolvimento predatório, que artificializa e acelera o ciclo reprodutivo dos organismos e seres vivos, fazendo com que os mesmos deixem de ser produtos e meios de produção nativos, para se tornarem matéria prima colocada nas mãos das grandes corporações. Essa desvalorização das formas de vida, onde o tempo biológico surge como entrave para o lucro, se apropria da biotecnologia para transformar um processo ecológico de reprodução em processo tecnológico de produção, cuja biodiversidade é homogeneizada pela força produtora de monoculturas como marca dominante do capital.

Essa mesma estratégia é aplicada à vida do homem. Não por acaso, o desequilíbrio dos ecossistemas, o aumento das desigualdades sociais, a erradicação da pobreza, a disseminação da violência e a falta de investimento em educação, cultura e arte, se influenciam mutuamente. O alto índice de criminalidade que está transformando a cidade de Belém em área sitiada pela crescente mobilidade da violência, caminha lado a lado à péssima qualidade de ensino desse mesmo território. O Fórum Brasileiro de Segurança Pública de 2014, publicou, em 2015, um relatório com anuário de mortes de cada estado brasileiro. Foram registradas um total de 15.932 mortes decorrentes de crimes violentos intencionais, o que equivale a dizer uma morte a cada trinta minutos. A capital paraense ficou na sétima colocação, com 52,1 mortes a cada 100 mil habitantes. Não bastasse, estudos do Instituto Sangari mostrou que entre dez cidades brasileiras, a Região Metropolitana de Belém aparece como a segunda mais violenta do Brasil e a décima sétima mais violenta do mundo. Um estudo realizado pelo IPEA e Fórum Brasileiro de Segurança Pública, publicou no dia 05 de junho do corrente, um atlas da violência no Brasil que aponta um número de 59.080 assassinatos no país, tendo o Município de Altamira, no Pará, como o mais violento, seguido de Ananindeua, Marituba e Marabá, sudeste do

Estado, que contou com um aumento de 90% do número de homicídios, entre 2005 e 2015. Nesse mesmo período, foram executados cerca de 318 mil jovens com perfil predominantemente do sexo masculino, negro, baixa renda e baixa escolaridade, com 54, 1% das vítimas, em 2015, com idade entre 15 e 29 anos. A taxa de homicídios de jovens negros aumentou de 18,2% no período acima, que também contou com o aumento de 22% da mortalidade de mulheres negras, com 4.621 assassinatos, em 2015, e 4,5 mortes a cada 100 mil mulheres. O Brasil também entrou no ranking do 3º país no mundo em número de mortes no trânsito, ficando atrás da Índia e da China.

Paralelo a isso, os dados de 2015 do Instituto de Oportunidades da Educação Brasileira (IOEB), apontou Belém como a pior qualidade de educação entre todas as capitais brasileiras, com nota 3,5. O Pará é o 5º Estado com pior evasão escolar, contando com 175 mil pessoas entre 4 e 17 anos fora da escola, ficando atrás de São Paulo, Minas Gerais, Bahia e Rio Grande do Sul. Entre crianças de 4 a 5 anos a evasão é de 25%, a maior taxa registrada nessa região. Grande parte dessa evasão é de crianças de origem indígena, do sexo masculino e com renda per capita de ¼ do salário mínimo. Esses dados tiveram como fonte o Cenário de exclusão escolar no Brasil – UNICEF, através de uma Pesquisa Nacional de amostras de domicílio publicada no dia 19 de junho deste ano.

Toda essa devastação da vida, induz uma significativa parcela da população a buscar auxílio em uma providência divina que, longe de uma experiência espiritual de conexão consigo mesmo, como propõe o termo religião, do latim *religare*, entrega às instituições religiosas a gestão de sua vida com vistas a um futuro promissor. Em qualquer canto desse país, inclusive nas aldeias indígenas, você se depara com um apinhamento de igrejas evangélicas erguidas em diferentes paisagens. O que parece ser sintomático. Não bastasse os católicos conservadores e reacionários, o Congresso Nacional contabiliza, hoje, uma bancada com 87 deputados (as) federais e 3 senadores evangélicos. Um total de 90 parlamentares protestantes até setembro de 2016⁵⁷. Suas frentes se articulam contra projetos de lei com temas voltados para discussão dos privilégios raciais, direito ao aborto, eutanásia,

57

A força da Assembleia de Deus como igreja que predomina na bancada evangélica na Câmara fica mantida, seguida da Igreja Universal do Reino de Deus e da Igreja Batista. Dos 92 parlamentares da bancada na Câmara (titulares eleitos + suplentes em exercício), mais da metade (49) pertence a estas três igrejas (26 na primeira e 11 na segunda e 12 na terceira). O presbiteriano tem nove representantes e configura uma força entre as igrejas históricas. Os demais parlamentares seguem distribuídos em 22 denominações diferentes. (<http://www.metodista.br/midiareligiaopolitica/index.php/composicao-bancada-evangelica/>, acessado 05.01.17).

casamento entre pessoas do mesmo sexo e outras pautas da comunidade LGBT, como a cartilha e kit gay para crianças, a proposta do Conselho Federal de Psicologia que impede que os psicólogos tratem a homossexualidade como uma fase ou transtorno, castigos físicos impostos por pais a filhos gays, enfim, todas essas barbaridades que cegam as massas crentes e seguidoras desses valores. No entanto, a cada 25 horas um LGBT é morto ou ferido por conta de sua orientação sexual. Essa é a conta das agressões denunciadas, visto que 90% das vítimas não denunciam.

Nos países com alto índice de desigualdade, violência e péssima qualidade de ensino, como é o caso do Brasil, o fator cultural é sempre relegado a último plano, e a sociedade fica à mercê dos gestores que utilizam a máquina pública para alimentar as demandas do mercado, cujo foco está no lucro e não no emparelhamento de estratégias que visem melhorias a médio e longo prazo. Foi nesse contexto que os artistas se infiltraram nesse deserto de políticas culturais, como guerreiros em luta poética protagonizando a sobrevivência de seus espaços e resistindo as intempéries do império capitalista. Um sistema ordenado pelo “deus” do dinheiro que enreda o “homem” nas malhas do capital como força maior. Nesse sentido, desertifica as relações, individualiza os afetos, mecaniza o conhecimento, manipula os desejos, e preda a natureza, se fazendo fluxo onde naturalmente seria contrafluxo.

Em um período que os valores familiares perdem a validade e que os "papéis" sociais e profissionais, em razão de sua precariedade, labilidade e falta de consistência, não podem mais conferir "identidades" estáveis aos indivíduos, só uma hermenêutica do sujeito pode permitir à socialidade decifrar a busca sem fim pela qual esses indivíduos são destinados a definir-se a si próprios e a dar sentido e coerência à sua existência. Então, os protagonistas (no sentido etimológico do termo) serão aquelas e aqueles que, no lugar de pedirem à sociedade, em vão, o "papel social" ao qual possam colar sua nostalgia identitária, assumem eles próprios a produção de socialidade, inventam eles próprios suas solidariedades cotidianas, socializam-se na busca contínua daquilo que têm ou podem pôr em comum, daquilo sobre o que podem pôr-se de acordo

(GORZ, 2004 in PAIM, 2012, p. 73)

A ausência de uma experiência sensível com os corpos, sujeita as massas ao consumo desenfreado de formas de vida moldadas pela capacidade que os dispositivos têm de impregnar as subjetividades - através dos meios comunicação, da religião e da própria arte, por um regime interno das imagens - com valores e ideologias que se identificam com os padrões de consumo das marcas ofertadas nas prateleiras dos comércios físicos e e-commerces. Os artistas, em contraposição, protagonizam uma cena independente voltada para a produção de práticas artísticas de formação, intervenção, circulação, inserção e difusão de poéticas como contradispositivo bipotente, ao promover uma reificação da experiência com seus corpos e com os corpos daqueles que circulam por seus espaços, participando da construção coletiva de um lugar que faz da arte uma rede de afetos.

Foi observado como coletivos e iniciativas coletivas inventam outras situações para realizar suas propostas. Como provocam ou descobrem fissuras no poder estabelecido nas várias esferas da vida social, política e econômica, no campo da arte e da cultura, como subvertem os espaços urbanos transformando-os em espaços públicos de fato

(PAIM, 2012, p. 16).

Engajados no trabalho sobre si, através da sua arte, mas também, conscientes e preocupados com esse contexto no qual todos estamos inseridos, os artistas-coletivos-gestores entendem a necessidade de realizar uma espécie de arte-ativismo capaz de penetrar em algumas esferas sociais. E como esta pesquisa está voltada para atuação dos artistas amazônidas de Belém, não se pode deixar de considerar a influência da região norte neste processo ao qual estamos inseridos, e os conflitos que dela emergem como parte de um todo conexo. Ainda que focando a investigação num território geográfico específico, ele é parte de um fenômeno contingente global. Trata-se aqui de um espírito do tempo e de uma humanidade que ao mesmo tempo encarna e está encarnada nele num contexto generalizado de guerras, crises, devastações, doenças, poluições, extermínios, intolerância, ignorância, perversidade, competição, lucro, corrupção, ganância, genocídios, atentados, pobreza, exclusão, fome e escravidão, agora muito mais sofisticada, na medida em que atua no domínio das subjetividades. E é desse estado de luta que a força insurge como vontade de potência firmando ideologias calcadas no exercício da solidariedade, do afeto, compartilhamento, alteridade, amizade e amor. O amor que, além de um ato político, é um ato revolucionário. Afinal, que espécie de animal é o humano e como sua humanidade é capaz de se deformar tanto? Não seria esse *phatos* intrínseco a natureza do homem? E nós, românticos

demais a ponto de querer moralizá-la? “O conflito político decisivo, que governa todo e qualquer outro conflito é, em nossa cultura, aquele entre a animalidade e a humanidade do homem. A política ocidental é, assim, cooriginariamente biopolítica.”⁵⁸

A arte, segundo Nietzsche, é força capaz de transfigurar os valores em vontade de potência. “A vontade de potência não é um ser, não é um devir; mas um *pathos*, - ela é o fato elementar de onde resultam um devir e uma ação”⁵⁹. Se o ser é força e dinamismo, segundo Nietzsche, “o existir de uma coisa é fazer sua presença sentida”⁶⁰. A vontade, comandada por uma espécie de força vital que guia o mundo e que só pode ser exercida sobre outra vontade, não atua diretamente sobre a matéria, mas sobre a própria força. A vontade de potência, que se caracteriza por uma necessidade de expansão, pela busca cada vez maior de vontade de potência, é uma energia caótica que precede todas as formas, tornando-as apenas possíveis e transitórias. Ela não está na psique e nem é substância, mas na afirmação da vida em si, em sua diferença.

A vontade na vontade de potência é o elemento diferencial da força. A diferença é efetuada não como uma interação do mesmo, mas na autoafirmação de uma força exercida contra outra força. “A força não existe em auto-identidade, mas apenas em estado de descarga - isto é, no estado de ultrapassagem de si mesma”⁶¹. Então, essa disputa provocada pelo conflito de forças é que permite que uma vontade, sob o domínio de outra vontade, lute por uma vontade de mais potência na própria potência da força. “Tudo que não me mata, me torna mais forte” (Nietzsche).

Não é à toa que a Rosa de Jericó e, de modo equivalente, os artistas e coletivos-gestores implicados na autopoiese dos seus espaços artísticos, manifestam uma força comandada por uma vontade de potência que insiste em resistir, mas que vive em estado de luta e conflito.

58

AGAMBEM, 2013, p.130

59

NIETZSCHE, s.d, p. 242

60

LINGIS, 2013 p. 14

61

Idem, p. 15

A resistência é sempre um projeto no limite do fracasso. Entretanto, como chegamos ao futuro sem nada mais para perder, confiamos em que essa debilidade será a força. Na realidade, já nos roubaram o futuro, porém, nós o inventamos, o tomaremos de assalto. Reconstruí-lo exigirá a coragem de saltar no vazio e a vontade de sobreviver à queda. A única coisa impensável é render-se

(COLETIVO ESCOMBROS in PAIM, 2012, p. 31).

Esse fenômeno se aplica, também, à dinâmica de abertura e fechamento dos espaços, assim como acontece com a Rosa de Jericó na busca por água, na medida em que precisam se desterritorializar como condição de sobrevivência. O que não significa sua morte.

Nesse período de dois anos de pesquisa, dos espaços tramados nessa rede, um deles está temporariamente fechado, o Espaço Oficina Assim, e outros três se deslocaram do seu espaço físico, em busca de novas formas de agenciamento, agrupamento e colaboração em rede.

Muitos coletivos e iniciativas coletivas, e os espaços por eles criados, são transitórios: são compostos e pouco depois se decompõem para, logo adiante, seus membros se agruparem em outra formação. Eles obedecem à lógica da mobilidade, da contingência de sua época e de suas sociedades. Se há, na maior parte dos coletivos estudados, o traço de vida breve é por eles não seguirem nenhum regulamento externo e, sim, as suas próprias urgências

(PAIM, 2012, p. 20).

Praticar uma cidade é ativar sua vida e torná-la potente. O artista é o agenciador da arte e a arte agência de vida. É produção de mundo na ação de invenção, criação, *poiese*. “Um mundo desejado e produzido coletivamente”, que trabalha fora dos espaços tradicionais de visibilidade da arte. Encaram a rua e oferecem uma saída, uma possibilidade para os invisibilizados pelos discursos de poder. Transformam, ainda que numa dimensão micro, o biopoder em biopolítica e a biopolítica em biopotência enquanto afirmação da vida por uma ordem comum ancorada na alteridade. “O biopoder situa-se acima da sociedade, transcendente, como uma autoridade soberana e impõe a sua ordem. A produção biopolítica, em contraste, é imanente à sociedade, criando relações e formas sociais através de formas colaborativas”⁶².

Assim como a Rosa de Jericó, que simula sua morte para explodir em vida com o mínimo de contato com a água, os artistas de Belém fazem de seu silêncio uma fala, de sua sobrevivência uma resistência. Nesse sentido, agem instituindo micropolíticas que atendam suas necessidades de produção e experimentação artística, intervindo de forma significativa no território cultural da urbe. A saga da flor do deserto, portanto, trata de ser a busca dialética por sua sobrevivência, na medida em que a necessidade de resistir é o que a transforma em potência de vida.

NEGRI, 2014, p. 135

62

“A Arte existe, porque a vida não basta!”

(Ferreira Gular)

6 Sobre a cartografia da “Rede Espaços Artísticos”, elaborada por Nani Tavares

Elis de Araújo Miranda

Professora do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional, Ambiente e Políticas Públicas (UFF/Campos)

No livro *História Universal da Infâmia*, Jorge Luís Borges publicou o conto de Suarez Miranda intitulado “Do rigor na ciência⁶⁴” que narra sobre a arte de cartografar. Borges aponta sobre o risco de elaborar um mapa tal qual é a realidade e assim não ter mais razão de ser.

A Cartografia não é técnica, é a arte de selecionar informações a serem representadas no mapa. O objetivo de cartografar é selecionar informações consideradas relevantes a respeito de um determinado recorte temático-espacial-temporal.

Assim, o ato de cartografar deve ser feito dentro de rigores científicos objetivos, mas não apenas. Os mapas são imagens elaboradas a partir de critérios subjetivos, onde o pesquisador decide o que deve ser representado no mapa, mas principalmente o que deve ser omitido. No mapa são expostos não apenas objetos geográficos, mas os fluxos que se realizam entre os objetos. Tais fluxos só se realizam pelas ações dos sujeitos que por ali circulam, vivem, existem em seus cotidianos. Entre um objeto e outro, os sujeitos deambulam, derivam e, portanto, passam a estar expostos.

63

Suárez Miranda: *Viajes de Varones Prudentes*, livro quatro, cap. XLV, Lérida, 1658

Inserir em um mapa uma informação, significa uma exposição sobre os sistemas de fluxos existentes naquele lugar em um dado recorte temporal. Significa expor os sujeitos – errantes, lentos, ordinários a sistemas de controle e poder pela qual esses sujeitos não estão interessados em participar.

Feita esta intervenção, considero de extrema importância a elaboração de uma cartografia dos espaços artísticos de Belém para fins de contribuição com de elaboração de políticas democráticas de cultura e de arte por apresentar um mapa dos espaços destinados as ações de cultura e artes da cidade. Comparando os espaços criados por artistas e os espaços geridos pelo poder público – municipal e estadual – vimos o quanto a cultura provoca o esgarçamento do tecido urbano. As casas de cultura, criadas por artistas, passam a ocupar espaços que o poder público nunca esteve presente.

Os distritos de Icoaraci e Mosqueiro, que sempre foram espaços de vivências artísticas e culturais não fazem parte dos espaços de ação do poder público, a não ser em eventos sazonais. Os bairros do Guamá, Terra Firme, Pratinha, Marambaia, Marex nunca fizeram parte da cartografia da cultura oficial. A esses bairros restam as políticas de segurança pública.

Além de criar novos espaços de cultura e artes, deve-se pensar em formas de articulação das ações entre as casas e as trocas de experiências entre os artistas que circulam por essas casas e ampliar a rede amparada em princípios éticos colaborativos.

Lembrando que a cartografia só faz sentido de existir se for compreendida como uma ferramenta que pode e dever ser continuamente reelaborada na medida em que as ações dos sujeitos ordinários, lentos e errantes forem se realizando sobre o espaço.

7 Referências Bibliográficas

ADORNO & HORKHEIMER. **Dialética do Esclarecimento**. Tradução: Guido Antônio de Almeida. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

AGAMBEN, Giorgio. **O amigo & O que é um dispositivo?** Tradução de Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó, SC: Argos, 2014.

_____. **O aberto: o homem e o animal**. Trad. Pedro Mendes. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

_____. **Meios sem fim: notas sobre a política**. Trad. Davi Pessoa Carneiro. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

_____. **O homem sem conteúdo**. Tradução, notas e posfácio de Cláudio Oliveira. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

ARISTÓTELES (384-322 a. C.). **A Política**. Trad. Nestor Silveira Chaves – 2ª Ed. Revisada. Bauru- São Paulo: EDIPRO, 2009 (Clássicos EDIPRO).

BACHELARD, Gaston. **A Poética do espaço**. Tradução de Antônio da Costa Leal e Lídia do Valle Santos Leal. São Paulo: Abril Cultural. 1ª edição, 1974.

BARTHES, Roland. **Novos ensaios críticos seguidos de O grau zero da escritura**. 3ª edição. Tradução de Heloysa de Lima Dantas e Anne Arnicahnd e Álvaro Lorencini. São Paulo: Editora Cultrix, 1986.

BAUDRILLARD, Jean. **Simulacros e Simulação**. Lisboa: Relógio D'água, 1991.

BENJAMIM, Walter; HORKHEIMER, Max; ADORNO, Theodor W. Textos escolhidos: in Walter Benjamim. Traduções: José Lino Grunnewald. **A obra de arte na época de suas técnicas de reprodução**. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

BESSE, Jean-Marc. **Ver a terra: seis ensaios sobre a paisagem e a geografia**. Tradução Vladimir Bartalini. São Paulo: Perspectiva, 2014.

BOAL, Augusto. **Teatro do oprimido e outras poéticas políticas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

BONDER, Nilton. **Portais Secretos: acessos arcaicos à internet**. Rio de Janeiro: Rocco, 1996. (Arco do Tempo).

CAMPBELL, Brígida. **Exercício para a liberdade**. São Paulo: Invisíveis Produções, 2015.

CAPRA, Fritjof. **A visão sistêmica da vida: uma concepção unificada e suas implicações filosóficas, políticas, sociais e econômicas**. Tradução Mayra Teruya Eichemberg, Newton Roberval Eichemberg. São Paulo: Cultrix, 2014.

COHEN, Renato. **Work in Progress na Cena Contemporânea**. São Paulo: Perspectiva, 1998.

DARDEL, Eric. **O homem e a terra: natureza da realidade geográfica**. Tradução Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2011.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs**, Vol 1. Tradução de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. São Paulo: Editora 34, 2016.

DESGRANGES, F.&LEPIQUE, M. (orgs.). **Teatro e vida pública**. São Paulo: Hucitec: Cooperativa Paulista de Teatro, 2012. 286 p. (Coleção de Teatro; n. 80).

DIDI-HUBERMAN, Georges. **A imagem sobrevivente: história da arte e tempos dos fantasmas segundo Aby Warburg**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2013.

DOMINGUES, José Maurício. **Criatividade social, subjetividade coletiva e a modernidade brasileira contemporânea**. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 1999.

EGG, André; FREITAS, Arthur; KAMINSKI, (organização). **Arte e política no Brasil**. Rosane. 1ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2014.

FERRACINI, Renato. **Café com queijo: corpos em criação**. São Paulo: Aderaldo & Rothschild Editores Ed.: Fapesp, 2006.

FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

FONSECA, Tânia Maria Gali; NASCIMENTO, Maria Livia do; MARASCHIN, Cleci. (organizadores). **Pesquisar na diferença: um abecedário**. Porto Alegre: Sulina, 2012.

FRAGOSO, Suely & RECUERO, Raquel & AMARAL, Adriana. **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre: Sulina, 2011.

_____. 2008b. **Nascimento da biopolítica**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

FONSECA, T. M. G.; NASCIMENTO, M.L. do; MARASCHIN, C. **Pesquisar na diferença em abecedário**. Porto Alegre: Sulinas, 2012.

HAESBAERT, R. **Viver no limite: território e multiterritorialidade em tempos de in-segurança e contenção**. 1ªed – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.

HOLZER, Werther. **Mundo e lugar: ensaio de geografia fenomenológica**. In MARANDOLA JÚNIOR, Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Livia (Orgs.). **Qual o espaço do lugar?: geografia, epistemologia, fenomenologia**. São Paulo: Perspectiva, 2014.

KASTRUP, Virgínia. **A invenção de si e do mundo: uma introdução do tempo e do coletivo no estudo da cognição**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

LAYMERT, Garcia dos Santos. **Politizar as novas tecnologias: o impacto sociotécnico da informação digital e genética**. São Paulo: Ed. 34, 2003.

LEFEBVRE, Henri. **Espaço e Política**. Tradução Margarida Maria de Andrade e Sérgio Martins. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

LIMA, Wlad. **Dramaturgia Pessoal do ator**. Belém: Grupo Cuíra, 2005.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Cultura amazônica: uma poética do imaginário**. São Paulo: Escrituras Editora, 2001.

MARQUEZ, Moreira Renata. **Geografias Portáteis: arte e conhecimento espacial**. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais. Programa de pós-graduação em geografia. Instituto de Geociências, 2009.

MASSEY, Doreen. **Espaço da diferença**. In: Um sentido global do lugar. Antônio A. Arantes (org.). Campinas/SP: Papius, 2000.

MATURANA, H. R. & VARELA, F.J. **De máquina e seres vivos: autopoiese: a organização do vivo**. 3º ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

MELO, João Baptista Ferreira de. **O triunfo do lugar sobre o espaço**. In MARANDOLA JÚNIOR, Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Livia (Orgs.). **Qual o espaço do lugar?: geografia, epistemologia, fenomenologia**. São Paulo: Perspectiva, 2014.

- MOURA, Carlos Eugênio Marcondes de. **O teatro que o povo cria: cordão de pássaros, cordão de bichos, pássaros juninos do Pará; da dramaturgia ao espetáculo**. Belém: Secult, 1997.
- NIETZSCHE, Friedrich. **Vontade de Potência**. Tradução de Mário D. Ferreira Santos. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Ediouro [s.d.]
- PAIM, Cláudia. **Táticas de Artistas na América Latina: coletivos, iniciativas coletivas e espaços autogestionados**. Porto Alegre: Panorama Crítico Editora, 2012.
- PASSOS, E; KASTRUP, V; ESCÓSSIA, L. **Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2012.
- PELBART, Peter Pál. **Biopolítica**. *Sala Preta*, São Paulo, n.7, p.57-65, 2007.
- PETRELA, Ricardo. **Manifesto da água: argumento para um contrato mundial**. Petrópolis/RJ: Editora Vozes, 2002.
- PRADO, Adélia. **Poesia Reunida**. São Paulo: Siciliano, 1991.
- RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível: estética e política**. Tradução Mônica Costa Netto. São Paulo: EXO experimental org.; Editora 34, 2009. (2ª edição).
- SEEMANN, Jorn. **Tradições humanísticas na cartografia e a poética dos mapas**. In MARANDOLA JÚNIOR, Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Livia (Orgs.). **Qual o espaço do lugar?: geografia, epistemologia, fenomenologia**. São Paulo: Perspectiva, 2014.
- SIMMEL, Georg. **Psicologia do dinheiro e outros ensaios – 1ª ed..** Trad. de Artur Morão. São Paulo: Edições Texto & Grafias.
- SARAMAGO, Ligia. **Como ponta de lança: o pensamento do lugar em Heidegger**. In MARANDOLA JÚNIOR, Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Livia (Orgs.). **Qual o espaço do lugar?: geografia, epistemologia, fenomenologia**. São Paulo: Perspectiva, 2014.
- SUBIRATS, Eduardo. **A existência sitiada**. São Paulo: Romano Guerra, 2010. (Coleção RG bolso; 5).

TEDESCO, Silvia Helena; SADE, Christian; CALIMAN, Luciana Vieira. **A entrevista na pesquisa cartográfica: a experiência do dizer**. In PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virginia; TEDESCO, Silvia. **Pistas para o método da cartografia: a experiência da pesquisa e o plano comum**. Porto Alegre, Sulina, 2014.

TOLEDO, Daniel. **Indie.gestão: práticas para artistas/gestores ou como assobiar e chupar cana ao mesmo tempo**. Belo Horizonte: JÁ.CA, 2014.

QUILICI, Cassiano Sydow. **O ator-performer e as poéticas da transformação de si**. São Paulo: Annablume, 2015.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **Metafísicas Canibais: elementos para uma antropologia pós-estrutural**. São Paulo: Cosac Naify, 1ª ed., 2015.

ARTIGOS NA INTERNET

ANDRADE, Cláudia Castro. **A fenomenologia da percepção a partir da autopoiesis de Humberto Maturana e Francisco Varela**. Griot Revista de Filosofia, V.6, Nº 2, dezembro/2012.

HEIDEGGER, M. 1958 (1954). **Bâtir, habitar, pensar**. In: **Essais et conférences**. Paris: Gallimard. (Tradução para em português disponível em http://www.proub.fau.ufri.br/jkos/p2/heidegger_construir,%20habitar,%20pensar.pdf)

Biopoder, anátomo-política, e controles reguladores. PUC-Rio Certificação digital 0510389/CA.

HOLZER, Werther. **Uma discussão fenomenológica sobre os conceitos de paisagem e lugar, território e meio ambiente**. Revista TERRITÓRIO, ano li, nº 3, jul./dez. 1997.

LIINGIS, Alphonso. A vontade de potência. Jan/jul 2013. Extraído em 22/06/2017 no endereço eletrônico: file:///C:/Users/User/Downloads/25657-97786-1-PB.pdf

MARIOTTI, Humberto. **Autopoiese, Cultura e Sociedade**. Extraído em 29 de dezembro de 2016, do endereço eletrônico <http://www.dbm.ufpb.br/~marques/Artigos/Autopoiese.pdf>.

MORAES, Maria Cândida. **O social do ponto de vista autopoietico**. Extraído em 29 de dezembro de 2016, do endereço eletrônico: http://www.ub.edu/sentipensar/pdf/candida/o_social.pdf

MASSEY, Doren. **Pelo espaço: uma nova política da espacialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008, p.312.

PELBART, Peter Pál. **Exclusão e biopotência no coração do Império**. 2001. Extraído em 29 de dezembro de 2016, do endereço eletrônico: <http://www.dpi.inpe.br/geopro/exclusao/Peter.pdf>

_____. **Biopolítica: poder sobre a vida, potência da vida**. Lugar Comum nº 17, pp. 33-43.

SCHERER_WARREN, Ilse. **Metodologia de redes nos estudo das ações coletivas e movimentos sociais**. Extraído em 29 de dezembro de 2016, do endereço eletrônico: <http://unuhospedagem.com.br/revista/rbeur/index.php/anais/article/view/1662>

TÔRRES, José Júlio Martins. **Autopoises, Cultura e Sociedade**. Web site: WWW.julioterres.ws. Extraído em 20 de julho de 2016.

WANDERLEY, Gustavo Tomé. **Dinâmicas de Espaços Culturais Independentes**. http://www.funarte.gov.br/encontro/wp-content/uploads/2011/08/Artigo_Gustavo_Wanderley.pdf

VIESENTEINER, Jorge Luiz. **Nietzsche e Deleuze. A arte de transfigurar**. Publicado em 03/06/2011. Extraído do <http://www.scielo.org.co/pdf/difil/v12n18/v12n18a10.pdf>. Acessado em 22/06/2017.

Entrevistas/ transcrições

Aparelho com Elaine Arruda, Anne Dias, Verônica Lima, Víviam Santa Brígida, Débora Oliveira e Pâmela Carneiro em 02/02/2017

Estúdio Reator com Nando Lima em 06/02/2017

Casa Cuíra com Zê Charone e Edyr Augusto Proença em 09/02/2017

A Casa da Atriz com Luciana e Juliana Porto em 18/02/2017

Stúdio Drika Chagas com Drika Chagas em 20/02/2017

Atelier do Zoca com José Fernandes (Zoca) em 21/02/2017

Da Tribu Loja Morada com Kátia e Tainah Fagundes em 23/02/2017

Casulo Cultural com Renata Aguiar em 06/03/2017

Projeto Camapu com San Rodrigues e Nina Brito em 09/03/2017

Casarão do Boneco com Aníbal Pacha e Adriana Cruz em 11/03/2017

Casarão Viramundo com Vitor Nina, Larissa Medeiros, Bruno Passos, Wanderson Carvalho e Cleber Cajun em 25/03/2017

Fotoativa com Camila Fialho e Adriele Silva em 12/04/2017

Casarão do Boneco com Paulo Ricardo Nascimento em 14/04/2017

Entrevista Wlad Lima – Portal Cultura – acessado via facebook no dia 13/12/2015, pela página de Nando Lima
<https://www.facebook.com/portalcultura/videos/1278597825500561/?theater>

Documentário Cordão de Pássaro Colibri de Outeiro: <https://www.youtube.com/watch?v=X5onl7OfMil>

Circuito - Vitrine Casa Velha – com Marco Tuma: <https://www.youtube.com/watch?v=h6mIMCZZhL0>

Marco Tuma e a Casa Velha 226: <https://www.youtube.com/watch?v=8lbYup1aqqI&t=2s>

Projeto Camapu por San Rodrigues: <https://www.youtube.com/watch?v=SyzUvb5GKC0>

Casa Preta – Um novo Baobá: https://www.youtube.com/watch?v=Bsu8a2CS_el&t=2s

Coletivo Casa Preta: <https://www.youtube.com/watch?v=rMii9RSn85l&t=24s>

Revistas e jornais eletrônicos

CASTRO, Fábio Fonseca de. **Fenomenologia da comunicação em sua quotidianidade**. Revista Intercom – RBCC. São Paulo, v.36, n.2, p.21, jul./dez.2013

SÁNCHEZ, José, A. **A pesquisa artística e a arte dos dispositivos**. Revista eletrônica Questão de Crítica. V. VIII nº 65 agosto de 2015. Tradução de Luciana Eastwood Romagnolli. <http://www.questaodecritica.com.br/2015/08/a-pesquisa-artistica-e-a-arte-dos-dispositivos/>, em 11/06/2016.

Revista 30. Extraído em 02 de agosto de 2016. IOEB – **Educação no Pará é a pior de todo Brasil**. Em Curianópolis o índice é pior ainda. <http://www.revista30.com.br/a-educacao-no-para-e-a-pior-de-todo-o-brasil-em-curionopolis-o-indice-e-pior-ainda/>

MASSEY, Doren & KEYNES, Milton. **Filosofia e política da espacialidade: algumas considerações**. Revista GEOgraphia – Ano 6 – N.º 12 – 2004.

MOREIRA, Erika Vanessa & MEDEIROS, Rosângela Aparecida de. **O lugar como uma construção social**. Revista Formação, nº 14, volume 2 – p.48-60.

MOREIRA NETO, Henrique Fernandes. **Aproximações da autopoiese com a geografia humanista**. Revista Geograficidades. V. 4, N.º 2, Inverno 2014.

HOLZER, Werther. **O lugar na geografia humanista**. Revista Território, Rio de Janeiro, ano IV, nº 7, p. 67-78, jul./dez. 1999

Sites e blogs visitados

Extraído em 02 de agosto de 2016. <http://www.pucrs.br/edipucrs/online/planetaagua/planetaagua/capitulo1.html>

Extraído em 02 de agosto de 2016.

Ensino no Pará é um dos Piores no Brasil. <http://www.todospelaeducacao.org.br/educacao-na-midia/indice/34667/ensino-no-para-e-um-dos-piores-do-pais/>

Extraído em 02 de agosto de 2016.

CORSETO, Patrícia. **Escritura e escrita.** <http://lacaneando.com.br/escritura-e-escrita>

Extraído em 05 de janeiro de 2017.

CUNHA, Magali do nascimento. **Mídia, Religião e Política.** <http://www.metodista.br/midiareligiaopolitica/index.php/composicao-bancada-evangelica/>

Extraído em 28 de março de 2017

MEDEIROS, Luciana. **Iracema Oliveira: Pássaro Junino precisa de espaço apropriado para suas apresentações.** Holofote Virtual. Publicado em 23.3.2010

<http://holofotevirtual.blogspot.com.br/2010/03/iracema-oliveira-passaro-junino-precisa.html>

Extraído em 28 de março de 2017.

YURI, Alexandre. **Tradição paraense, Pássaros Juninos enfrentam dificuldades no São João.** Publicado em 25/06/2014 no site do Jornal Liberal. G1

<http://g1.globo.com/pa/para/sao-joao/2014/noticia/2014/06/tradicao-paraense-passaros-juninos-enfrentam-dificuldades-no-sao-joao.html>

<https://passarotucano.wordpress.com/>

<https://issuu.com/elainearruda/docs/aparelho>

http://www.projetocircular.com.br/?page_id=1626

<http://www.aparelho.org/>

<http://g1.globo.com/pa/para/noticia/2016/12/ocupacao-artistica-traz-artes-visuais-musica-e-literatura-ao-porto-do-sal.html>

<http://www.funarte.gov.br/artes-visuais/coletivo-aparelho-oferta-vagas-para-residencia-artistica-em-belem/>

<http://www.aparelho.org/single-post/2016/11/15/Macieira-Filmes-e-Coletivo-Aparelho-exibem-teaser-sobre-a%C3%A7%C3%B5es-no-Porto>

<https://www.facebook.com/acasadaatriz>

<https://acasadaatriz.wordpress.com/>

<http://atelierdoporto.blogspot.com.br/>

<https://www.facebook.com/atelierdoportocv>

http://www.projetocircular.com.br/?page_id=17

<https://xumucuis.wordpress.com/2011/04/13/atelier-do-porto/>

<http://cuira.com.br/>

<https://www.facebook.com/pages/Teatro-Cu%C3%ADra-Do-Par%C3%A1/222899401061972>
<http://www.culturapara.art.br/teatro/cuira/index.htm>
<https://pt.foursquare.com/v/teatrocu%C3%ADra/4e640d66aeb73603159f9a51>
<https://www.facebook.com/CASA-DE-CULTURA-DA-TERRA-FIRME-243502595709154/>
http://www.visaosocioambiental.com.br/site/index.php?option=com_content&task=view&id=393&Itemid=75
<http://agenciapara.com.br/Noticia/5160/casa-da-cultura-da-terra-firme-ajuda-a-reduzir-violencia-na-terra-firme>
<http://www.anf.org.br/terra-firme-cultura-e-resistencia-em-belem-do-para/>
<https://palhacostrovadores.wordpress.com/casa-dos-palhacos/>
<https://palhacostrovadores.wordpress.com/>
<https://www.facebook.com/palhacostrovadores/>
<https://www.portal.ufpa.br/imprensa/noticia.php?cod=10946>
<https://www.facebook.com/CasaVelha226/>
<https://web.facebook.com/multifarioarte/>
<https://www.facebook.com/events/1723984737917934/>
http://www.projetocircular.com.br/?page_id=3264
<https://www.youtube.com/watch?v=WZXRdTL2Fcg>
<https://www.eventsoja.com.br/belem-do-par%C3%A1+pa/e5334322>
https://www.instagram.com/multifario_arte/?hl=pt-br
<https://www.coletivodirigivel.com>
<https://www.facebook.com/coletivodirigivel/>
<http://www.mepoenaboa.com.br/366775313391708/belem/dirigivel-coletivo-de-teatro>
<http://spcultura.prefeitura.sp.gov.br/agente/9990/>
<https://www.facebook.com/casaraodoboneco/>
http://www.projetocircular.com.br/?page_id=32
<http://holofotevirtual.blogspot.com.br/2015/03/chamado-coletivo-para-salvar-o-casarao.html>
<https://www.facebook.com/casaraoviramundo/>
http://www.projetocircular.com.br/?page_id=3385
<https://blogdatrupe.wordpress.com/>
<https://www.facebook.com/trupe.daprocura>
<http://vaiviramundo.wixsite.com/viramundo>
<https://perypatetico.tumblr.com>
https://www.google.com/maps/d/edit?mid=1tF5NvTmKke_IJm6JFjAP9pBY4to&ll=-1.4214370843494255%2C-48.49271195263668&z=14
<https://www.facebook.com/casulocultural/>

http://www.projetocircular.com.br/?page_id=928
<http://casulocultural.wixsite.com/casulocultural>
<http://blogueirasnegras.org/event-location/casulo-cultural/>
<https://www.facebook.com/datribuacessorios>
http://www.projetocircular.com.br/?page_id=809
<http://radios.ebc.com.br/mosaico/edicao/2016-05/marca-de-acessorios-da-tribu-desenvolve-projeto-de-moda-sustentavel-em-belem>
<https://www.instagram.com/datribu/>
<http://holofotevirtual.blogspot.com.br/2016/03/programacao-cultural-comemora-um-ano-da.html>
<http://www.nandolima.net/>
<http://estudioreator.wix.com/reator>
<https://vimeo.com/estudioreator>
<http://issuu.com/mangifera>
<http://estudioreator.wixsite.com/reator>
<http://estudioreator.blogspot.com.br/p/p.html>
<https://plus.google.com/+Est%C3%BAdioREATOR>
<https://twitter.com/estudioreator>
<http://g1.globo.com/pa/para/noticia/2016/09/estudio-reator-reune-performance-e-exposicao-para-contar-historia-do-local.html>
<https://www.facebook.com/projetocamapu/>
<https://www.facebook.com/experiacto/>
<https://www.facebook.com/pages/Projeto-Camapu/207875949412082>
<http://www.culturaamazonica.com.br/2017/01/12/portas-abertas-para-arte-com-o-projeto-camapu-experiencia-de-criacao/>
<http://holofotevirtual.blogspot.com.br/2017/01/projeto-camapu-prepara-o-conto-de-duas.html>
<http://www.ormnews.com.br/noticia/projeto-camapu-realiza-apresentacao-com-marionetes>
<https://www.behance.net/gallery/47581199/Fotos-Projeto-Camapu>
<https://www.facebook.com/pages/Atelier-Drika-Chagas/158348657642161>
<https://www.facebook.com/chagasdrika>
<http://www.afbelem.com/nosso-blog/536-drika-chagas-artista-visual-belenense-em-residencia-artistica-em-paris.html>
<https://www.instagram.com/drikachagas/>
<http://g1.globo.com/pa/para/noticia/2015/08/mostra-reune-intervencoes-de-drika-chagas-no-centro-historico-de-belem.html>
<https://www.youtube.com/watch?v=IR2zNeymHEQ&t=73s>
https://www.youtube.com/watch?v=_30Wi2Ez6Tc
<https://www.youtube.com/watch?v=0POJiqZvYEQ>
<http://www.portalcultura.com.br/node/47057>